

MAR GEM
ES QUER DA

REVISTA DA BOITEMPO

42 1º SEMESTRE, 2024



Copyright © Boitempo, 2024
Margem Esquerda – revista da Boitempo n. 42

Direção-geral
Ivana Jinkings

Editor
Artur Renzo

Assistência editorial
Marcela Sayuri

Editor de imagens
Francisco Klinger Carvalho

Editor de poesia
Flávio Wolf de Aguiar

Preparação
Frank de Oliveira

Revisão
Marcela Sayuri

Capa
Artur Renzo e Natasha Weissenborn

Imagens da capa e miolo
Miguel Chikaoka

Jusante do Rio Tocantins após o fechamento da Barragem da UHE, *Tucuruí, PA, 1984 (capa)*; Santa Cruz do Arari, *Ilha do Marajó, PA, 1989 (quarta capa)*; Buriti do Tocantins, MA, 1991 (*segunda capa*); Encontro de Povos Indígenas do Xingu, *Altamira, PA, 1989 (terceira capa e p. 160)*; Serraria, *Plácido de Castro, AC, 1987 (p. 6)*; Procissão do Círio de Nazaré, Belém, PA, 1982 (*p. 32 e 41*); I Encontro de Mulheres do Campo, *Conceição do Araguaia, PA, 1980 (p. 33)*; Travessia de balsa pelo Rio Guamá, Belém, PA, 1989 (*p. 35*); Serra Pelada, *Curionópolis, PA, 1991 (p. 47 e 55)*; Floresta queimada [castanheira], *Rodovia PA 150, Marabá, PA 1981 (p. 60)*; “*Hagakure*”, 2003 (*p. 159*)

Cortesia: Kamara Kó Galeria (Belém, PA)

Projeto gráfico e diagramação
Antonio Kehl

Coordenação de produção
Livia Campos

Impressão e acabamento
Lis

ISSN 1678-7684
número 42: março de 2024

É vedada a reprodução de qualquer parte
desta revista sem a expressa autorização da editora.

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373 – Sumarezinho

CEP 05442-000 São Paulo – SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3872-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br

facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo

youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

Sumário

Apresentação	9
ARTUR RENZO	
ENTREVISTA	
John Bellamy Foster	11
FABIO MASCARO QUERIDO, MARIA ORLANDA PINASSI e MICHAEL LÖWY	
DOSSIÊ: MARXISMO, CAPITALISMO E ECOLOGIA	
Apresentação: Antes que seja tarde demais	33
FABIO MASCARO QUERIDO e MICHAEL LÖWY	
Teses sobre a catástrofe (ecológica) iminente e as formas (revolucionárias) de evitá-la	35
MICHAEL LÖWY	
Ética ecosocialista, uma proposta concreta pós-capitalista.....	41
ALLAN DA SILVA COELHO e ARLINDO RODRIGUES	
Da cúpula da Amazônia à COP28: o negacionismo do governo brasileiro	47
LUIZ MARQUES	
A financeirização do meio ambiente brasileiro.....	55
ANA PAULA SALVIATTI	
ARTIGOS	
Mobilizar para realmente desacelerar: progresso e decrescimento no ecomarxismo de Kohei Saito	61
SLAVOJ ŽIŽEK	

<i>O Estado e a revolução</i> , de Vladímir Lênin: um prefácio	71
ANTONIO NEGRI	
Estruturas elementares da violência e do neofascismo no Rio de Janeiro....	86
LUIZ EDUARDO SOARES	
GOLPES E CONTRAGOLPES	
O legado da ditadura e as possibilidades de ruptura com a autocracia burguesa: o Golpe de 1964 ontem e hoje.....	97
ANTONIO CARLOS MAZZEO	
O fascismo de Salazar, o 25 de abril de 1974 e Ary dos Santos	107
JOSÉ PAULO NETTO	
CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA	
Crise do dólar e fragmentação monetária global	132
MAURILIO BOTELHO	
O futuro da inflação: sobre o teorema da transformação da mercadoria-dinheiro e suas implicações teóricas a respeito da inflação ...	144
ERNST LOHOFF	
HOMENAGEM	
Samuel Pinheiro Guimarães: um gigante na periferia	153
LUIZ FELIPE OSÓRIO	
POESIA	
Poema de número 4	157
ZAKARIA MOHAMMAD	
SOBRE AS IMAGENS	
Miguel Chikaoka e a grandeza do essencial no imaginário amazônico	158
FRANCISCO KLINGER CARVALHO	

MAR
GEM
ES
QUER
DA

REVISTA DA BOITEMPO

42 1º SEMESTRE, 2024

Comitê de redação deste número

Antonio Carlos Mazzeo • Artur Renzo • Fabio Mascaro Querido •
Ivana Jinkings • Luiz Bernardo Pericás • Luiz Felipe Osório • Michael Löwy

Conselho editorial

Afrânio Catani • Alysson Mascaro • Boaventura de Sousa Santos • Emir Sader •
Fernando Garcia • Heloísa Fernandes • João Alexandre Peschanski • José Paulo
Netto • Maria Lucia Barroco • Maria Lygia Quartim de Moraes • Maria Orlando
Pinassi • Paulo Arantes • Paulo Barsotti • Pedro Davoglio • Ricardo Antunes •
Roberto Schwarz • Slavoj Žižek

Em memória

Carlos Nelson Coutinho • Emilia Viotti da Costa • Francisco de Oliveira •
István Mészáros • Jacob Gorender • Leandro Konder • Mario Duayer •
Miguel Urbano Rodrigues

Conselho de colaboradores

Alexandre Linares • Angélica Lovatto • Antonino Infranca • Antônio Ozáí da Silva
• Antonio Rago • Caio Antunes • Camilo Caldas • Canrobert Costa Neto • Carla
Ferreira • Carlos Eduardo Martins • Carlos Serrano Ferreira • Clarisse Castilhos •
Claudia Mazzei Nogueira • Edilson Graciolli • Fernando Marcelino • Gaudêncio
Frigotto • Geraldo Augusto Pinto • Gilberto Maringoni • Henrique Amorim • Isabella
Marcatti • Isleide Fontenelle • Jair Pinheiro • Jesus Ranieri • João dos Reis Silva Jr.
• João Sette Whitaker • Jonathan Erkert • Jorge Grespan • José Luís Fiori • Juliana
Paula Magalhães • Kim Doria • Liliana Segnini • Lincoln Secco • Luciano Vasapollo
• Lúcio Flávio Almeida • Luiz Ismael • Marcelo Ridenti • Marco Aurélio Santana
• Mathias Luce • Maurício Gonçalves • Milton Pinheiro • Nélito Schneider • Otília
Arantes • Paula Marcelino • Paulo Denisar Fraga • Plínio de Arruda Sampaio Jr. •
Roberto Leher • Rodrigo Castelo • Ronaldo Gaspar • Rosane Borges • Ruy Braga
• Silvio Luiz de Almeida • Sofia Manzano • Taylisi Leite • Tiago Ferro • Victor
Hugo Klagsbrunn • Virgínia Fontes • Wolfgang Leo Maar

contato: margemesquerda@boitempoeditorial.com.br

John Bellamy Foster

John Bellamy Foster é sem dúvida um dos mais importantes intelectuais marxistas em atividade, em especial por suas intervenções nos debates entre marxismo e ecologia. Foster avançou como poucos numa compreensão da obra de Marx que não apenas a coloca em diálogo com as abordagens ecológicas mais recentes, como também nela visualiza as chaves para uma explicação materialista da atual crise ecológica. Daí a sua contraposição amigável, digamos assim, ao “ecossocialismo de primeira fase”, como ele diz, que apostava na necessidade de depurar Marx de sua perspectiva parcialmente “produtivista” a fim de recuperar a sua sensibilidade protoecológica e, assim, posicioná-lo à altura dos desafios do presente. Para Foster, se tal postura não deixa de ter os seus méritos, ela corre o risco de subvalorizar a dimensão francamente ecológica envolvida no próprio materialismo de Marx. Mais ainda, ela acabaria contribuindo, involuntariamente, para o fortalecimento dos argumentos de alguns movimentos ecológicos segundo os quais Marx e o marxismo seriam parte do problema, e não da solução.

Nesta entrevista*, conduzida por Fabio Mascaro Querido, Maria Orlando Pinassi e Michael Löwy, Foster conta com acuidade intelectual e afetiva aspectos importantes de sua trajetória: dos anos de infância e juventude, passando pela participação nos movimentos

* A entrevista foi realizada via e-mail em fevereiro de 2024 e traduzida, do inglês, por Fabio Mascaro Querido. (N. E.)

antiguerra nos anos 1960/1970, pelo ingresso na *Monthly Review*, até o despertar do interesse teórico pela questão ecológica. Reflete também sobre o conceito de “ruptura metabólica” em Marx, sobre o imperialismo ecológico no Brasil contemporâneo e, ainda, deixa a sua mensagem para a esquerda ecológica brasileira. Estamos diante de um itinerário que acompanhou na prática a emergência e o desenvolvimento da crise ecológica, dela retirando elementos para reinterpretar a teoria marxiana. Essa leitura, insiste Foster, é decisiva para que possamos contribuir para um desenlace positivo da alternativa hoje colocada para a humanidade: ruína ou revolução ecológica.

Margem Esquerda – Fale-nos um pouco sobre a sua infância e juventude. Você nasceu em Seattle em 1953, não é?

John Bellamy Foster – Sim, nasci em Seattle, no estado de Washington. Quando eu tinha um ano de idade, minha família se mudou para uma cidade madeireira, Raymond, onde meu pai era professor. Ali, havia uma fábrica de telhas de cedro vermelho ocidental, de propriedade da Weyerhaeuser, que emitia ácido plicático nos seus resíduos de poeira, uma causa bem conhecida de asma grave. Eu e minhas duas irmãs desenvolvemos a doença. Quando eu tinha cinco anos, nos mudamos para Fircrest, um subúrbio nos arredores de Tacoma. Na época, Tacoma era uma das cidades mais poluídas dos Estados Unidos graças a uma fundição que emitia gases tóxicos e às fábricas de celulose e papel. Quando eu tinha seis anos, minha irmã mais nova, de três, sofreu um grave ataque de asma e foi levada às pressas para o hospital. Ela morreu naquela noite. Algumas semanas depois, também fui hospitalizado após um grave ataque de asma. Quase morri. Fiquei duas semanas internado, passando um tempo considerável na tenda de oxigênio. Tive de ser alimentado por via intravenosa e ficar com as pernas para o ar. Depois, me prescreveram tantos esteroides que dobrei de peso. Levantando-me, não conseguia ver meus pés. Eu não tinha permissão para sair nem correr e precisava de um professor particular. Aos sete anos de idade, meus pais me mandaram para um hospital infantil especializado em tratar asma, em Denver, onde permaneci por mais de dois anos.

Nesse ínterim, meu pai teve um colapso mental e foi internado em um hospital da Administração de Veteranos, onde recebeu tratamento de eletrochoques. Minha mãe começou a vender cosméticos Avon de porta em porta em Tacoma para gerar renda para a família. O distrito em que ela trabalhava era o mais pobre da cidade e ela às vezes me levava junto porque dizia que queria que eu visse de perto como as pessoas podiam

viver com dignidade e generosidade mesmo em extrema pobreza. Nós próprios vivemos durante anos abaixo do limiar de pobreza, com meu pai desempregado por longos períodos ou vendendo enciclopédias a domicílio. No entanto, minha mãe, que havia atravessado a Grande Depressão na Inglaterra, conseguiu manter as coisas sob controle.

Quando eu tinha onze anos, meu pai arranjou um cargo de professor em educação especial na pequena cidade rural de Rochester, então nos mudamos para Olympia, onde minha mãe conseguiu um emprego como secretária administrativa do Legislativo estadual. No entanto, meu pai logo perdeu o cargo de professor. Apesar de ser a capital do estado, Olympia era, em muitos aspectos, bastante rural, especialmente na área em que morávamos. Era uma localidade relativamente despoluída, cercada por florestas. Passei boa parte da minha juventude ao ar livre.

Meus pais tinham um alto nível de cultura literária. Ambos eram de esquerda. Minha mãe esteve associada ao movimento liderado pelo Partido Comunista Britânico para abrir a Segunda Frente durante a Segunda Guerra Mundial (ela foi convocada para o serviço militar). Quando ela veio para os Estados Unidos, após a guerra, um passageiro alemão a alertou que escondesse seu passado político devido ao crescimento do macarthismo. Meu pai era um socialista ao estilo do New Deal e apoiador de Henry Wallace. Tive, portanto, uma educação bastante de esquerda. Meu pai me apresentou aos clássicos socialistas, incluindo o *Manifesto Comunista*, e à história radical. Ele tinha um conhecimento enciclopédico e um profundo senso de história, ciência política, economia política e filosofia. Mesmo agora fico maravilhado com o que aprendi apenas lendo coisas em sua estante quando era jovem.

ME – Conte-nos um pouco sobre seus engajamentos políticos de juventude. O que o levou a aderir ao movimento antiguerra?

JBF – Objetivamente, não tive um papel significativo no movimento antiguerra, mas a experiência foi crucial para meu próprio desenvolvimento subjetivo. A Guerra do Vietnã era uma fonte constante de conversas dentro de casa. Eu tinha doze anos quando Lyndon B. Johnson intensificou drasticamente o envolvimento de soldados estadunidenses na guerra. Meus pais ficaram furiosos, mas havia poucas saídas para agir naquele momento. Nos meus tempos de liceu, meu foco político centrava-se nas pautas antinucleares e na oposição à Guerra do Vietnã. Fiz discursos sobre

Na minha infância,
encontrei a ecologia
de ambos os lados.
Desenvolvi uma asma
crônica devido à
poluição industrial; por
outro lado, cresci numa
área semirrural muito
florestada.

ambos em minha aula de oratória. Meu professor de oratória era um boina-verde e usava boina nas aulas. Ele forrou as paredes da sala de aula com propaganda flagrante sobre a rebelião “Mau Mau” [Exército da Terra e da Liberdade] no Quênia. Nunca antes tinha visto tal demonstração nas escolas públicas de pontos de vista colonialistas/imperialistas. No entanto, ele era racional, à sua maneira. Insistia, por exemplo, que o maior orador do mundo era Fidel Castro. Certa vez, ele nos pediu para escrever algo em que acreditávamos e então nos mandou elaborar um discurso argumentando o contrário. Fiquei furioso com o exercício e acabei por fazer uma sátira ao estilo de Jonathan Swift, acrescida de mapas que indicavam como os Estados Unidos poderiam devastar todas as cidades da União Soviética e exterminar sua população num único ataque, à maneira de Curtis LeMay, o general belicista da Força Aérea dos Estados Unidos. O discurso foi tão satírico e ridículo que teve o efeito inverso. A turma ficou extasiada.

Na época do ensino médio, comecei a frequentar marchas e manifestações antiguerre. Fiz parte de uma greve de fome de jovens no Capitólio do estado em 1970: ocupamos a rotunda e passamos parte de cada dia abordando senadores estaduais e tentando fazer com que eles mudassem suas posições para se oporem à guerra, geralmente sem muito sucesso. Fiz viagens frequentes a Seattle, onde o movimento antiguerre era forte. Fiquei impressionado com o Programa do Pequeno-Almoço dos Panteras Negras, que encontrei lá, e que parecia abordar a própria realidade da luta nos Estados Unidos. Tudo isso mudou minha personalidade e meus interesses.

ME – Em 1984, você defendeu sua tese de doutorado sobre o capitalismo monopolista na Universidade de York, em Toronto. Fale-nos um pouco sobre ela.

JBF – Quando entrei na pós-graduação na Universidade de York, meus principais interesses eram a economia política marxista e a teoria crítica/dialética hegeliana – eu havia estudado extensivamente esta última, embora principalmente por conta própria. Minha formação mais forte foi em economia política e a maior parte do meu trabalho continuou a ser nessa área. No meu segundo ano de pós-graduação, fiz um curso de um ano sobre *O capital*, de Marx, com Robert Albritton. Eu já tinha um conhecimento profundo de economia política na tradição do *Capitalismo monopolista*¹, de Baran e Sweezy, mas nos meus primeiros anos de pós-graduação fiquei intrigado com a nova análise marxiana “fundamentalista”

¹ Paul M. Sweezy e Paul A. Baran. *Capitalismo monopolista: ensaio sobre a ordem econômica e social americana* (trad. Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Zahar, 1966).

de pensadores como David Yaffe, Ben Fine e Laurence Harris. Era uma leitura proveniente do trabalho de Paul Mattick e, até certo ponto, de Roman Rosdolsky. Escrevi um artigo defendendo a queda tendencial da taxa de lucro influenciada por esses pensadores, mas enquanto digitava a última página percebi que estava errado; que a análise, embora baseada em parte na obra de Marx, não se sustentava no final do século XX, uma vez que não dialogava com a análise do capitalismo monopolista. Os problemas da economia política marxista fundamentalista, sua incapacidade de lidar com a mudança histórica e as modificações do sistema, com a ascensão das corporações monopolistas globais, ficaram completamente evidentes. Era como se uma bolha tivesse rebentado.

Foi no ano seguinte, de forma bastante fortuita, que estudei com o grande historiador revisionista estadunidense Gabriel Kolko, uma das razões pelas quais decidi vir para York. Acabei trabalhando com ele individualmente. Kolko tinha acabado de terminar seu *Main Currents on Modern American History* e me apresentou não apenas ao trabalho de Josef Steindl, mas também aos dados empíricos e aos debates sobre o excesso de capacidade na economia dos EUA. Isso subitamente me deu uma compreensão e apreciação mais profundas do *Capitalismo monopolista* de Baran e Sweezy e levou-me a estudar a obra de Michał Kalecki. Escrevi um longo artigo para Kolko em 1979-1980 intitulado “Os Estados Unidos e o capitalismo monopolista: a questão do excesso de capacidade” e, por capricho, enviei uma cópia a Paul Sweezy, cuja resposta foi que era a melhor coisa que ele havia lido na tradição do seu livro. Ficamos amigos, passamos a nos corresponder com regularidade e Sweezy assumiu certo papel de mentor para mim. Minha dissertação, *A teoria do capitalismo monopolista: uma elaboração da economia política marxista*, foi uma tentativa de defender a tradição do capital monopolista contra as críticas da economia política marxista fundamentalista, ao mesmo tempo que mostrava como as diferenças entre as duas poderiam ser reconciliadas para criar uma síntese mais forte*. Meu primeiro artigo para a *Monthly Review*, intitulado “O

É difícil estimar a importância da *Monthly Review* para a minha trajetória. A revista proporcionou uma inspiração, uma base e um significado que carecem à maioria dos trabalhos de esquerda na academia.

* Dois anos depois, uma versão revisada e ampliada da tese foi publicada em forma de livro. Em 2014, a obra ganhou uma segunda edição. Ver John Bellamy Foster, *The Theory of Monopoly Capitalism: An Elaboration of Marxian Political Economy* (Nova York, Monthly Review Press, 2014). (N. E.)

capitalismo monopolista é uma ilusão?” e publicado em setembro de 1981, ia justamente nessa linha.

ME – Como foi sua entrada na Monthly Review em 1989? Qual é a importância da revista na sua trajetória?

JBF – Minha identificação com a *Monthly Review* remonta à década de 1970, influenciando minha visão geral. Estive muito envolvido com a revista a partir do início dos anos 1980, embora não de forma institucional. O que mudou foi que, em 1989, os editores, ambos com quase setenta anos, decidiram que precisavam contar com um comitê editorial informal que pudesse aliviá-los parcialmente de alguns dos encargos editoriais e me convidaram a fazer parte dele. Ao mesmo tempo, decidiram adicionar dois integrantes ao Conselho da *Monthly Review Foundation*, e fui um deles.

É difícil estimar a importância da *Monthly Review* para a minha trajetória. No que diz respeito à minha carreira puramente acadêmica, pode até se dizer que foi negativa, se vista diretamente. Há consequências em estar associado ao marxismo, em especial se este for além da academia, assumindo o papel de um intelectual público ligado a movimentos sociais. Só fui contratado pela Universidade de Oregon em meados da década de 1980 graças a uma situação singular ligada à morte de um professor marxista, Al Szymanski, que atraía um número considerável de estudantes de pós-graduação, obrigando o departamento a substituí-lo por outro radical. A descrição do cargo que assumi era “Marxismo, economia política, análise de classe e imperialismo”, longe de ser uma posição padrão no mundo acadêmico estadunidense, e hoje completamente impensável. Quando fui tentar pleitear meu *tenure*, consegui ultrapassar todos os obstáculos até chegar ao mais alto nível administrativo e depois houve um

movimento no topo para recusar meu pedido de efetivação, alegando que eu era marxista. Só uma revolta dentro da administração (com consequências terríveis para a carreira da pessoa que interveio em meu nome, ameaçando vir a público) impediu que eu fosse barrado por motivos políticos. Depois disso, porém, fui mantido com o salário mais baixo, recebi uma carga horária pesada e fui marginalizado por quase uma década. Para conseguir sustentar a minha família,

Há consequências em estar associado ao marxismo, em especial se este for além da academia, assumindo o papel de um intelectual público ligado a movimentos sociais. Fui atacado em vários momentos como um dos publicamente designados “professores mais perigosos” dos Estados Unidos.

tive de ministrar dez cursos por ano durante vários anos, alguns deles voluntários e apenas parcialmente remunerados. Mais tarde, fui atacado em diversos momentos como um dos publicamente designados “professores mais perigosos” dos Estados Unidos, em virtude do meu trabalho na *Monthly Review*.

Assim, a associação com a revista, embora crucial em termos do desenvolvimento da minha análise crítica, minha teoria e minha prática, foi de certa forma mais prejudicial que benéfica em termos de construção de uma carreira acadêmica. Ao mesmo tempo, deu ao meu trabalho uma inspiração, uma base e um significado que carecem à maioria dos trabalhos de esquerda na academia, precisamente porque nunca fui apenas ou principalmente um acadêmico. Sempre mantive um pé fora, o que permitiu uma abordagem radical muito mais coerente e uma relação com movimentos sociais radicais.

ME – Foi nessa mesma época, no final dos anos 1980, que você começou a trabalhar com questões ligadas à ecologia? Como se deu esse encontro?

JBF – Na minha infância, encontrei a ecologia de ambos os lados, tendo desenvolvido asma crônica devido à poluição industrial, por um lado, e, por outro, tendo crescido numa área semirrural, em grande parte florestada. As questões ambientais foram, portanto, centrais para mim desde a mais tenra idade, reforçadas em especial pelo meu pai, que tinha estado no Corpo de Conservação Civil de Franklin Roosevelt. Mas, quando jovem, a Guerra do Vietnã e o imperialismo estadunidense eram preocupações predominantes. Participei em eventos do Primeiro Dia da Terra e da moratória ambiental, com os quais me identifiquei bastante, mas o ambiente do Noroeste Pacífico parecia, na época, relativamente bom. Senti que questões como a poluição nos Estados Unidos teriam de ficar em segundo plano enquanto o Pentágono lançasse napalms sobre as crianças vietnamitas.

Voltei a pensar sobre questões ecológicas durante minha pós-graduação em Toronto, em discussões com um amigo que afirmava que não apenas alguns marxistas, mas também Marx, poderiam ser considerados antiecológicos. Não conseguia compreender isso. Minha leitura de Marx era totalmente diferente. Além do mais, muitas das

Nunca fui apenas ou principalmente um acadêmico. Sempre mantive um pé fora, o que permitiu uma abordagem radical muito mais coerente e uma relação com movimentos sociais radicais.

principais figuras do movimento ambientalista da década de 1970, como Barry Commoner, tinham sido influenciadas pelas ideias ecológicas de Marx. A própria tradição do capital monopolista tem sido consistente na sua oposição ao desperdício econômico e ecológico. Na verdade, em maio de 1974, Harry Magdoff e Paul Sweezy já haviam se manifestado explicitamente a favor do que hoje chamamos de decrescimento, isto é, oposição ao crescimento econômico por razões ambientais e sociais. Isso influenciou o desenvolvimento da análise neomarxista no âmbito da sociologia ambiental nos Estados Unidos a partir de meados da década de 1970 e início da década de 1980, associada ao trabalho dos teóricos ambientais Charles Anderson, que levantou a questão da sobrevivência ecológica, e Allan Schnaiberg, com seu conceito de esteira da produção (*treadmill of production*). Nas décadas de 1980 e 1990, no entanto, surgiu no interior da Nova Esquerda uma tradição do que veio a ser chamado de ecossocialismo de primeira fase, que atribuía as fraquezas do ambientalismo marxista a um suposto fracasso de Marx em abordar o meio ambiente, e que procurava fundir a economia política marxista com a teoria verde dominante, com suas tendências neomalthusianas.

De início, isso tudo não estava totalmente claro para mim e eu ainda me via focado principalmente na economia política. Mas quando assumi o cargo na Universidade de Oregon, descobri que o problema ecológico no noroeste do Pacífico era muito mais grave que quando eu partira para Toronto, quase uma década antes. O rio Columbia era o rio mais radioativo da Terra, tinha gente sentando em árvores* para proteger as florestas antigas de serem derrubadas, grupos se organizando contra o uso generalizado de pesticidas (incluindo a pulverização aérea) e crises globais eclodindo no que diz respeito à extinção de espécies, à destruição da camada de ozônio e às mudanças climáticas. Voltei-me, assim, para o problema ambiental, reconhecendo que esses desenvolvimentos estavam enraizados na economia política do capitalismo e que era necessário desenvolver uma análise marxista. Meu primeiro livro, *O planeta vulnerável*², publicado em 1994, tinha muitas das características do ecossocialismo da primeira fase. Mas dentro de alguns anos concluí que a crítica ecológica baseada no materialismo

* Tree-sitting é uma forma de desobediência civil ambientalista em que manifestantes se sentam em árvores e se recusam a descer, com o intuito de impedir que sejam derrubadas. (N. E.).

² John Bellamy Foster, *O planeta vulnerável: a ecologia marxista e a crítica da economia capitalista* (trad. Luís Sérgio Henriques e Ricardo Antunes, São Paulo, Cortez, 2010).

histórico clássico, particularmente no trabalho do próprio Marx, estava teórica e metodologicamente muito além de qualquer outra coisa na esquerda, e meu trabalho começou a concentrar-se nessa base fundamental e em como ela poderia informar as lutas de hoje.

ME – Em A ecologia de Marx³, você defende a existência de uma percepção ecológica no pensamento materialista de Marx, baseada na noção de “ruptura metabólica”. Qual é a atualidade desse conceito marxiano? Como se deu a formação de uma rede de autores partilhando dessa temática?

JBF – A recuperação e a elaboração da análise marxiana da ruptura metabólica remonta originalmente ao meu artigo de 1999, “A teoria da ruptura metabólica de Marx”⁴. *A ecologia de Marx*, embora tenha ficado famoso pelo capítulo sobre a fenda metabólica, foi um livro escrito para lidar com uma questão mais ampla: como Marx foi capaz de desenvolver uma análise ecológica tão penetrante? Isto é, quais foram os verdadeiros fundamentos dessa parte da análise de Marx? Isso não poderia ser atribuído simplesmente à influência da química agrícola de Justus von Liebig, que – ao explorar alguns aspectos do problema em termos da ruptura do ciclo nutritivo do solo, e mesmo empregando o conceito de metabolismo – não avançou na integração dos aspectos socioeconômicos e ecológicos do problema, tal como fez Marx. Decidi que a resposta residia no desenvolvimento do materialismo de Marx, que não podia ser visto simplesmente em termos econômicos, como se tinha tornado cada vez mais habitual no marxismo. Isso me levou de volta à sua tese de doutoramento sobre Epicuro, o antigo filósofo materialista⁵. A partir daí, segui a linha materialista-naturalista à medida que se desenvolveu na evolução da análise de Marx.

A própria ruptura metabólica foi explicada em termos da quebra no ciclo de nutrientes do solo e, portanto, do metabolismo do solo trazido pelo transporte de alimentos e fibras por centenas e milhares

Se rasparamos a superfície da negação da mudança climática pela direita, o que encontraremos é um reconhecimento (e um medo) bastante realista da parte deles de que, para resolver o problema, é preciso ir além do atual regime político-econômico do capitalismo.

³ Idem, *A ecologia de Marx: materialismo e natureza* (trad. Maria Teresa Machado, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014).

⁴ John Bellamy Foster, “Marx’s Theory of Metabolic Rift: Classical Foundations for Environmental Sociology”, *American Journal of Sociology*, v. 105, n. 2, set, 1999, p. 366-405

⁵ Karl Marx, *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro* (trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2020).

de quilômetros para as novas cidades industriais do capitalismo, onde a população cada vez mais residia. Os nutrientes do solo contidos nos alimentos e nas fibras poluíram as cidades em vez de retornarem ao solo. Isso levou ao que Marx chamou de “uma ruptura irremediável no metabolismo social”⁶. A análise de Marx baseou-se, na verdade, em três conceitos: o metabolismo universal da natureza, o metabolismo social e a ruptura metabólica. O metabolismo social era o próprio processo de trabalho e produção visto do ponto de vista dos seus aspectos ecológicos e reprodutivos. O metabolismo social alienado do capitalismo tinha entrado em conflito com o metabolismo universal da natureza, manifestando-se como uma ruptura metabólica.

A maioria das análises liberais isola as várias crises ecológicas umas das outras e deixa de considerar a ultrapassagem simultânea de múltiplas fronteiras planetárias. A teoria da ruptura metabólica elimina essas ilusões centrando-se na inter-relação entre acumulação capitalista, exploração econômica/social e crise ecológica.

No que diz respeito à forma como surgiu a rede de estudiosos que trabalham com a ruptura metabólica, penso que houve vários momentos cruciais. Primeiro, a análise surgiu quando eu estava trabalhando em estreita colaboração com Paul Burkett. Decidimos mais

ou menos por uma divisão de tarefas em que ele se concentraria na análise da forma de valor ecológico na teoria de Marx e eu abordaria a história, as ciências naturais e a filosofia materialista. Assim, *Marx and Nature [Marx e a natureza]*⁷, de Burkett, e “A teoria da ruptura metabólica de Marx” foram publicados no mesmo ano, e a *A ecologia de Marx* no ano seguinte. Fred Magdoff, um ecologista, cientista do solo e economista político intimamente associado à *Monthly Review*, também desempenhou um papel formativo singular no desenvolvimento dessas ideias à época.

O segundo momento foi a chegada de Brett Clark e Richard York à Universidade do Oregon. Clark chegou à universidade como estudante de pós-graduação enquanto eu ainda trabalhava em *A ecologia de Marx* e foi a partir daí um importante colaborador. York foi contratado como professor de sociologia com especialização em

⁶ Karl Marx, *O capital: crítica da economia política*, Livro III, *O processo global da produção capitalista* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2017), p. 873.

⁷ Paul Burkett, *Marx and Nature: A Red and Green Perspective* (Nova York, St. Martin's Press, 1999).

meio ambiente. *A ecologia de Marx* foi publicada, incorporando seus talentos em teoria, metodologia e estatística. Em 2003, ele esteve à frente da publicação de um importante artigo que empregava o conceito de ruptura metabólica⁸. Clark e York uniram-se na aplicação do conceito de ruptura metabólica às alterações climáticas numa nova análise do metabolismo do carbono. Isso foi incorporado ao livro que escrevi com Clark e York intitulado *A fenda ecológica*⁹, lançado em 2010. Outro dos primeiros alunos da sociologia ambiental da universidade foi Jason W. Moore, que trabalhou em estreita colaboração comigo desde a graduação, quando meu foco principal era *O planeta vulnerável*, e mais tarde frequentando meu principal curso de pós-graduação em sociologia ambiental no contexto das discussões sobre a ruptura metabólica (seus estudos de pós-graduação foram na Califórnia). Moore especializou-se, na primeira fase de seu pensamento, na relação entre a teoria do sistema mundial e a ruptura metabólica, embora seu livro posterior, *Capitalismo e a teia da vida*¹⁰, tenha rejeitado o conceito como dualista. Outros alunos da Universidade de Oregon nesse período eram Hannah Holleman, Stephano Longo e Rebecca Clausen¹¹.

O terceiro momento consistiu em novas contribuições importantes, não emanadas da Universidade de Oregon, como nos casos de Ian Angus, Andreas Malm, Kohei Sato, e da análise de Brian Napoletano sobre Henri Lefebvre e a ruptura metabólica¹². Rob Wallace e Sean

⁸ Richard York, Eugene A. Rosa e Thomas Dietz, "Footprints on the Earth: The Environmental Consequences of Modernity", *American Sociological Review*, v. 68, n. 2, abr. 2003, p. 279-300.

⁹ Brett Clark, John Bellamy Foster e Richard York, *A fenda ecológica: o capitalismo contra a natureza* (trad. André Carvalhal e Sérgio Goes de Paula, São Paulo, Elefante, 2021).

¹⁰ Jason W. Moore, *Capitalism in the Web of Life* (Nova York/Londres, Verso, 2015).

¹¹ Holleman depois escreveria *Dust Bowls of Empire: Imperialism, Environmental Politics, and the Injustice of "Green" Capitalism* (New Haven, Yale University Press, 2018), e Rebecca Clausen e Stephano Longo publicaram, junto com Brett Clark, *The Tragedy of the Commodity: Oceans, Fisheries and Aquacultures* (Nova York, Monthly Review Press, 2015). Mauricio Betancourt fez um trabalho impressionante sobre Cuba, a agroecologia e a ruptura metabólica, comparando as conquistas de Cuba a esse respeito com o resto da América Latina: "The effect of Cuban agroecology in mitigating the metabolic rift: A quantitative approach to Latin American food production", *Global Environmental Change*, v. 63, jul 2020.

¹² Ver, em especial, Ian Angus, *Enfrentando o Antropoceno: capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre* (trad. Glenda Vicenzi e Pedro Davoglio, São Paulo, Boitempo, 2023 [2016]); Andreas Malm, *Capital fóssil: a história do clima no capitalismo* (trad. Daniel Aarão Reis e André Carvalhal, São Paulo, Elefante, 2021 [2016]); Kohei Sato, *O ecosocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política* (trad. Pedro Davoglio, São Paulo, Boitempo, 2021 [2017]).

Creaven aplicaram o conceito à covid-19 e outras pandemias¹³. Eamonn Slater trabalhou sobre as falhas metabólicas irlandesas. Michael Friedman explorou a relação da falha metabólica com o microbioma. Carles Soriano, vulcanólogo e geólogo, conectou a ruptura metabólica à escala de tempo geológica em sua introdução à noção de Idade Capitaliana. Em muitos aspectos, o conceito desenvolveu-se de tal forma em âmbito global, tanto na teoria quanto na prática dos movimentos ambientalistas, que agora ficou difícil de acompanhar. Por exemplo, surgiram novos trabalhos importantes sobre o marxismo ecológico na China, engajados com essas ideias.

ME – A questão ecológica tornou-se, hoje, fundamental no debate público. Existem, entretanto, tentativas de propor uma “ecologia de mercado”, como se fosse possível enfrentar a crise ecológica sem questionar os próprios pilares da sociedade capitalista atual. Como você vê esse processo?

JBF – Naomi Klein nos oferece uma boa maneira de pensar sobre isso no capítulo “The Right Is Right” [A direita tem razão] de seu livro *This Changes Everything* [Isso muda tudo]. Klein deixou bem claro que se rasparamos a superfície da negação da mudança climática pela direita, o que encontraremos é um reconhecimento (e medo) bastante realista da parte deles de que, para resolver o problema, é preciso ir além do atual regime político-econômico do capitalismo, razão pela qual estão tão empenhados em negar completamente as alterações climáticas. No entanto, o argumento dela dirigia-se menos aos negacionistas de direita do que à própria tradição liberal dominante, que para ela representava uma forma ainda mais ingênua de negacionismo, porque, embora admitisse formalmente a realidade das alterações climáticas, defendia um reformismo utópico sob a ilusão de que o problema todo poderia ser resolvido pelo mercado capitalista e pela tecnologia orientada para o crescimento, com uma pequena ajuda do Estado; isto é, pelas mesmas forças que, no contexto capitalista, criaram a fenda do carbono. Além disso, a maioria dessas análises isola as várias crises ecológicas umas das outras e deixa de considerar a ultrapassagem simultânea de múltiplas fronteiras planetárias. A teoria da ruptura metabólica elimina essas ilusões centrando-se na inter-relação entre acumulação capitalista, exploração econômica/social e crise ecológica.

¹³ Ver Rob Wallace, *Dead Epidemiologists: On the Origins of COVID-19* (Nova York, Monthly Review Press, 2020); e Sean Craven, *Contagion Capitalism: Pandemics in the Corporate Age* (Londres, Routledge, 2023).

ME – Em seu último livro, Capitalism in the Anthropocene [Capitalismo no Antropoceno]¹⁴, a alternativa esboçada no subtítulo é entre “ruína ecológica” ou “revolução ecológica”. O que seria essa “revolução ecológica”?

JBF – Ao lidar com a crise do solo na Irlanda do século XIX, Marx falou em “ruína ou revolução”. A noção de ruína ecológica ou revolução ecológica é a aplicação dessa perspectiva derivada da teoria da ruptura metabólica ao nosso próprio período de perigo planetário.

A crise de habitabilidade da humanidade devido à ruptura antropogênica no metabolismo do sistema Terra, que está colocando em perigo a vida de todas as pessoas do planeta, numa escala rapidamente crescente, é um produto da lógica de acumulação de capital. A revolução ecológica necessária para contrariar a ruína ecológica que a humanidade como um todo enfrenta precisa reverter essa situação, indo imediatamente contra a lógica do sistema político-econômico capitalista e, em seguida, transcendendo-o. Requer, portanto, uma revolução social, mas de uma forma mais ampla que no passado, uma forma que abarque os aspectos sociais e ecológicos da produção. Tal como argumentou István Mészáros, com base nos *Grundrisse* de Marx, é necessário abordar todo o domínio da reprodução sociometabólica, dando conta, pela primeira vez, de todas as dimensões da transformação revolucionária. Isso significa redefinir a ideia da transição socialista no século XXI, que, além de atentar para a produção como tal, precisa se concentrar também no intercâmbio comunitário, na estrutura das necessidades humanas e na relação com a natureza. Estou muito impressionado com as comunas venezuelanas, que constituem um modelo para essa mudança nas relações sociais.

ME – Como se deu o processo de transformação da Monthly Review na principal revista ecomarxista dos Estados Unidos?

*JBF – A Monthly Review sempre teve uma preocupação profunda com as questões ambientais. Durante décadas, Scott Nearing, um dos principais ambientalistas socialistas dos Estados Unidos, teve uma coluna mensal na revista. Quando *Primavera silenciosa*, de Rachel Carson, foi publicado, Nearing escreveu uma crítica muito forte, positiva e de longo alcance. A abordagem que a MR tem feito do meio ambiente no decorrer de muitos*

É preciso redefinir a ideia da transição socialista no século XXI, que, além de atentar para a produção como tal, deve se concentrar também no intercâmbio comunitário, na estrutura das necessidades humanas e na relação com a natureza.

¹⁴ John Bellamy Foster, *Capitalism in the Anthropocene: Ecological Ruin or Ecological Revolution* (Nova York, Monthly Review Press, 2022).

O Brasil é um alvo importante da financeirização da natureza, fenômeno que cresceu a passos largos ao longo da última década, em parte sob o disfarce do chamado ambientalismo capitalista.

anos foi inspirada no trabalho de Barry Commoner. Toda a tradição do *Capitalismo monopolista* foi crítica desde o início ao desperdício econômico e ecológico. Como já indiquei, há quase meio século Magdoff e Sweezy insistiram em que a dinâmica de crescimento interminável do capitalismo enraizada no processo de acumulação precisava ser invertida. Em termos do que era economicamente necessário, mas não do processo de mudança ou dos seus aspectos social-revolucionários, a visão da *MR* era semelhante à de Herman Daly, com quem acabei mantendo relações muito amigáveis. Os primeiros trabalhos da *MR* a esse respeito, na década de

1970, como observado, ajudaram a lançar contribuições marxistas para a sociologia ambiental. Um aspecto fundamental da *MR* nesse aspecto foi sua estreita ligação com as ciências naturais, e especialmente com figuras como Richard Levins, Richard Lewontin, David Himmelstein e Steffie Woolhandler. Em julho-agosto de 1986, foi publicada uma edição especial da revista intitulada *Ciência, Tecnologia e Capitalismo*, que incluía todos esses autores, bem como outros, como Steven Rose e Nancy Krieger. A ênfase dominante estava nas questões ecológicas, representando uma espécie de ponto de virada para a revista. Em 1989, Sweezy publicou na revista seus dois artigos principais sobre o tema, “Capitalismo e meio ambiente” e “Socialismo e ecologia”.

Mas a *MR* permaneceu ao longo do século XX uma publicação predominantemente político-econômica. Embora reconhecido como essencial, o tema do meio ambiente ficou por anos fora do âmbito central da revista. Quando me tornei coeditor em 2000, minha primeira tarefa foi fortalecer a crítica econômica e a crítica ao imperialismo. Na verdade, com os Estados Unidos declarando sua “guerra ao terror”, nosso foco nos primeiros anos deste século centrou-se em grande parte no imperialismo.

No entanto, havia também naquela época outros espaços da ecologia marxista nos Estados Unidos que eram vitais para seu desenvolvimento, o que tornava desnecessário que a *MR* se dedicasse ao tema. Em 1988, James O’Connor tinha fundado a revista *Capitalism Nature Socialism*. Eu fazia parte do conselho editorial, junto com Paul Burkett, Jason W. Moore, Victor Wallis e outros associados à *MR*. Fui, no entanto, afastado do conselho em 1998 porque o trabalho que eu desenvolvia sobre Marx e a ecologia era visto como oposto à linha da direção principal da revista. Quando lancei *A ecologia de Marx*, a *CNS* publicou cinco artigos, todos escritos por membros (e futuros membros) do conselho editorial,

condenando veementemente o livro e toda a sua abordagem. Burkett e Moore escreveram respostas a esses ataques e depois renunciaram ao conselho editorial por princípio.

Enquanto isso, em 1996, John Jermier e eu iniciamos a revista acadêmica *Organization and Environment*, publicada pela Sage, com o objetivo de reunir a seção radical Organization and Natural Environment (ONE) em gestão/negócios e a sociologia ambiental na American Sociological Association. A *O&E* teve muito sucesso, particularmente na melhoria do status profissional da sociologia ambiental marxista, trazendo à tona um conjunto incrível de artigos inovadores. Deixei o cargo de coeditor logo depois de me tornar coeditor da *MR* em 2000, mas York e Clark atuaram como coeditores com Jermier. Por fim, a Sage, proprietária da revista, decidiu entregá-la a um grupo empresarial, de gestão, estabelecido na Europa, apesar da ampla oposição entre os sociólogos ambientais nos Estados Unidos.

Como resultado de todos esses desenvolvimentos, houve uma tendência a recorrer cada vez mais à *MR* como uma saída para o ecossocialismo e, particularmente, para o emergente ecossocialismo de segunda fase, que baseou-se no materialismo histórico clássico. Ao mesmo tempo, com a aceleração da crise planetária, era necessária uma atenção cada vez maior ao ambiente, a tal ponto que deslocou parcialmente o foco tradicional da revista nas crises econômicas. Um desenvolvimento importante foi a fundação e edição do site *Climate and Capitalism*, de Angus, que é independente, mas intimamente associado à *MR*.

ME – Alguns episódios da história brasileira recente – como o desmantelamento da política social-neoliberal e do projeto “neodesenvolvimentista” do PT, a ascensão de Jair Bolsonaro, a reprimarização da economia e o aprofundamento da degradação ambiental de todos os nossos biomas – parecem confirmar o lugar colonial que o Brasil ocupa na atual divisão internacional do trabalho e seu papel como fornecedor de commodities ligadas ao agronegócio e à extração mineral. Como sua teorização acerca do imperialismo ecológico poderia nos ajudar a pensar essa questão?

JBF – A teorização do imperialismo ecológico sempre foi difícil, uma vez que tudo o que diz respeito à troca é traduzido em termos de trabalho, preço e dinheiro (bases da comensurabilidade econômica), deixando de fora os valores de uso materiais naturais. Embora o imperialismo ecológico sempre tenha existido, como foi explicitamente evocado em *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo

Hoje existe uma aliança neoliberal-neofascista, apenas parcialmente disfarçada como uma espécie de batalha de irmãos.

A maior parte das abordagens ao fascismo na esquerda hoje se baseia puramente na análise ideológica, derivada não do marxismo, mas do liberalismo. Abordam a questão de uma forma idealista, como se tudo tivesse caído do céu. É preciso entendê-lo como um fenômeno de classe.

Galeano, o desafio é conseguir desenvolver uma análise sistemática para lidar com elementos incomensuráveis. A natureza geral do problema, porém, é clara. Assim como o imperialismo econômico ocorre, na explicação de Marx, quando um país obtém mais trabalho por menos, também o imperialismo ecológico ocorre quando um país obtém mais natureza/recursos/energia por menos.

Existem três maneiras pelas quais abordamos isso na teoria da ruptura metabólica. Segundo Marx (e também Galeano), tomemos o comércio de guano, que estava diretamente ligado à

ruptura do metabolismo do solo na Europa e nos Estados Unidos, como um estudo de caso sobre como funciona o imperialismo ecológico. Afinal, há uma enorme quantidade de informação sobre esse assunto, sobre como isso afetou a acumulação e o solo na Europa, e sobre a dependência e a dívida no Peru (dado que as Ilhas Chincha eram a fonte mais importante de guano). Clark e eu fizemos vários estudos sobre o tema. O problema também estava ligado ao racismo, uma vez que os trabalhadores nas ilhas Chincha que extraíam o guano eram, em sua maioria, trabalhadores chineses sob contrato ou o que o colonialismo britânico designou como “coolies”, uma forma de trabalho escravo. De acordo com o jornal londrino *The Times*, não houve registro de sobrevivência de um único escavador de guano, ou seja, cem por cento dos trabalhadores parecem ter morrido no trabalho. O comércio de guano deslocou-se para o comércio de nitratos e para a Guerra do Pacífico na América Latina e outros desenvolvimentos, figurando centralmente no estudo de André Gunder Frank, *Capitalismo e subdesenvolvimento no Chile*. Historicamente, essa é uma mina rica para a compreensão da lógica do imperialismo ecológico.

A outra abordagem do imperialismo ecológico é aquela que visa mensurar as perdas ecológicas reais. O trabalho-chave a esse respeito foi realizado por Howard Odum, ecologista de sistemas pioneiro, que construiu uma teoria do imperialismo ecológico capaz de chegar às transferências históricas de energia incorporada ou eMergia (escrito com M). A abordagem de Odum também se baseou na economia política marxista. Na grande batalha na importante revista *Ecological Economics*, no entanto, Odum e outros cientistas naturais foram expulsos por Robert Constanza, editor da revista, que adotou a abordagem em vez de simplesmente avaliar a natureza em termos de preço, desenvolvendo a estrutura que é agora a base de toda a financeirização da

natureza perseguida atualmente pelo capital internacional. A análise de Odum foi lógica e empiricamente rigorosa, mas exigiu financiamento para a realização dos estudos estatísticos, uma vez que dependia de dados brutos e estava claramente excluída do apoio governamental e privado. Existem pequenos grupos que ainda trabalham no desenvolvimento dessa abordagem. Holleman e eu escrevemos um artigo sobre o imperialismo ecológico e a síntese de Marx e Odum nessa área para o *American Journal of Sociology*, em 2012. Essencialmente, a abordagem de Odum permite-nos compreender teoricamente como o imperialismo ecológico entra na expropriação do “ambiente livre”, enquanto as nações mais pobres são sistematicamente roubadas. Tem o potencial de mostrar todas as dimensões do problema. Essa é outra base para criticar a noção capitalista de vantagem comparativa no comércio, que tem sido usada durante séculos para justificar o comércio desigual.

Uma terceira abordagem reside na crítica ao extrativismo colonial/imperial, tal como aparece na obra do teórico uruguai Eduardo Gudynas. Aqui a questão é o desenvolvimento de um modo de expropriação nas economias coloniais/imperiais que está diretamente em conflito com formas de desenvolvimento humano sustentável. Escrevi sobre isso em meu livro *The Dialectics of Ecology* [A dialética da ecologia]¹⁵.

A economia brasileira, apesar de seu progresso na industrialização em vários pontos, é proeminente uma economia extrativista, encorajada pelo capital estrangeiro e pelo agronegócio num contexto neocolonial e neoimperial. Em 2019, 67% do comércio de exportação do país era de produtos primários. O Brasil é um alvo importante da financeirização da natureza, fenômeno que cresceu a passos largos ao longo da última década, em parte sob o disfarce do chamado ambientalismo capitalista. O futuro do Brasil – e creio que seu papel no futuro da ecologia planetária, uma vez que a Amazônia é crucial – reside em se tornar uma economia mais autocêntrica, na qual o domínio natural não seja simplesmente roubado, a mando de países estrangeiros, e em que os processos de desenvolvimento humano sustentável possam ser perseguidos. Mas isso requer um forte

Se o capital procura dividir a classe trabalhadora e as populações marginalizadas, criando hierarquias e divisões internas que os colocam uns contra os outros, por motivos racistas, nacionalistas, sexistas etc., o papel do movimento em direção ao socialismo é criar a unidade entre os oprimidos, apoiando sempre preferencialmente as causas dos mais oprimidos.

¹⁵ John Bellamy Foster, *The Dialectics of Ecology* (Nova York, Monthly Review Press, 2016).

Na medida em que é revolucionária, a classe trabalhadora sempre assumiu a forma mais ampla de um proletariado ambientalista.

movimento em direção ao socialismo. Para mim, uma das principais fontes de inspiração tem sido o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Quanto ao fascismo, está crescendo por toda parte neste momento, à medida que o sistema capitalista cai em desordem e que as estruturas já comprometidas da democracia liberal passam do neoliberalismo (ligado à financeirização)

para o neofascismo. Hoje existe até uma aliança neoliberal-neofascista, apenas parcialmente disfarçada como uma espécie de batalha de irmãos. O neofascismo assume diferentes formas no Norte global, o perpetrador do imperialismo, e no Sul global, onde, nos termos de Marx, o capital opera mais abertamente num contexto colonial/imperial. Bolsonaro teve o apoio de todo um sistema imperialista que estava de olho nas veias abertas do Brasil. Mas o que está claro é que, seja no Norte ou no Sul globais, os movimentos fascistas envolvem sempre uma mobilização por parte do grande capital da pequena burguesia/classe média baixa com base em ideologias reacionárias e perigosas (mesmo para partes da classe capitalista). A maior parte das abordagens ao fascismo na esquerda hoje se baseia puramente na análise ideológica, derivada não do marxismo, mas do liberalismo. Abordam a questão de uma forma idealista, como se tudo tivesse caído do céu. No entanto, as primeiras críticas ao fascismo clássico, que já foram proeminentes, surgiram do marxismo, que o entende como um fenômeno de classe. Acredito que só vendo a situação dessa forma se poderá combatê-la eficazmente. Escrevi sobre isso em meu livro *Trump in the White House* [Trump na Casa Branca]¹⁶.

ME – O sistema sociometabólico do capital tem procurado, com muito sucesso, exercer enorme controle sobre as populações vulneráveis – indígenas, quilombolas, sem-terra, trabalhadores precarizados do campo e das cidades. A ruptura metabólica dos potenciais sujeitos revolucionários parece se completar. Como vê uma possível saída para esse processo?

JBF – Marx escreveu em *O capital* que “o trabalho não pode se emancipar na pele branca onde na pele negra ele é marcado a ferro”¹⁷. Em outras palavras, a primeira tarefa da classe trabalhadora no Sul *Antebellum* foi

¹⁶ John Bellamy Foster, *Trump in the White House: Tragedy and Farce* (Nova York, Monthly Review Press, 2017).

¹⁷ Karl Marx, *O capital: crítica da economia política*, Livro I, *O processo de produção do capital* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, 2013), p. 372.

a libertação daqueles que sofriam com a escravatura, ou seja, a pior opressão dos trabalhadores, na qual estes estavam divididos uns contra os outros das formas mais desumanas. Se o capital procura dividir a classe trabalhadora e as populações marginalizadas, criando hierarquias e divisões internas que os colocam uns contra os outros, por motivos racistas, nacionalistas, sexistas etc., o papel do movimento em direção ao socialismo é criar a unidade entre os oprimidos, apoiando sempre preferencialmente as causas dos mais oprimidos. Não há outro caminho, e qualquer desvio desse princípio pode ser fatal. A exclusão com base na riqueza e no poder é o meio que o capital utilizou para expandir seu poder; a inclusão com base numa sociedade de iguais é o meio daqueles que resistem ao poder do capital.

Sempre considerei um erro ver o proletariado exclusivamente em termos econômicos ou industriais restritos. Na verdade, a visão de Marx e Engels sobre o proletariado era muito mais ampla, tendo em conta todo o ambiente da classe trabalhadora, como se vê em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*¹⁸, por exemplo. Objetivamente, estamos regressando à base materialista mais ampla do proletariado, não confinada aos termos econômicos limitados com os quais passamos a concebê-lo, uma base que também engloba condições urbanas, moradia, poluição, desperdício, qualidade e disponibilidade dos alimentos, terra, agricultura, mineração, doenças, epidemias, condições de deficiência e incapacidade, taxas de mortalidade, a reprodução social da família, o trabalho doméstico, a subsistência e assim por diante. É principalmente a crise ambiental generalizada que está nos empurrando nessa direção, como pode ser constatado mais claramente no contexto do Sul global. Mas isso está, de fato, em conformidade com a maneira como Marx e Engels viam as condições e as lutas da classe trabalhadora como uma luta, antes de mais nada, contra o que Engels chamou de “assassinato social”. Na medida em que é revolucionária, a classe trabalhadora sempre assumiu a forma mais ampla de um proletariado ambientalista. Além disso, ver as coisas dessa maneira, na qual, por exemplo, “pão e terra” são igualmente cruciais, tende a dissolver muitas das distinções entre trabalhadores proletários, camponeses

A divisão entre o capital extermínista mundial e o proletariado ecológico mundial deverá ficar ainda mais aparente na medida em que a sobrevivência se torna uma preocupação predominante para a grande maioria. Desenvolvimento humano sustentável tornar-se-á inevitavelmente o grito de guerra dos oprimidos.

¹⁸ Friedrich Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra segundo as observações do autor e fontes autênticas* (trad. B. A. Schumann, São Paulo, Boitempo, 2008).

Há espaço para ceticismo e existe todo o tipo de contradição interna, incluindo de classe, mas as notáveis realizações da China em diversas áreas ambientais são grandes demais para serem ignoradas. Essas conquistas só foram possíveis porque a China é uma sociedade pós-revolucionária, não inteiramente capitalista e que procura outro caminho, o socialista.

e indígenas. Cada vez mais estamos entrando no que será uma luta comum, à medida que a ultrapassagem das fronteiras planetárias nos coloca em condições semelhantes de ruína ou revolução. Essas condições objetivas estão forjando a base de uma maior unidade entre “os condenados da terra” – embora existam, claro, todos os tipos de contradição e contratenetividade. Mais que isso, a divisão entre o capital extermínista mundial e o proletariado ecológico mundial deverá ficar ainda mais aparente na medida em que a sobrevivência se torna uma preocupação predominante para a grande maioria. O desenvolvimento humano sustentável tornar-se-á inevitavelmente o grito de guerra dos oprimidos, especialmente entre os jovens.

ME – Qual seria sua mensagem para a esquerda ecológica no Brasil?

JBF – Existem duas estratégias ecológicas principais que surgiram na esquerda em todo o mundo. Uma delas é o decrescimento planejado, que se relaciona principalmente com os países imperialistas financeiramente ricos que estão sobredesenvolvidos em termos ecológicos e que precisam decrescer significativamente se a humanidade quiser sobreviver. Hoje, se todos os países tivessem o consumo ecológico *per capita* dos Estados Unidos, precisaríamos de três ou quatro planetas Terra. É importante compreender que o decrescimento como tal é sobretudo um problema num sentido direto para o Norte global. Em todo o mundo, o que é necessário é um processo de contração e convergência em que os países mais ricos, mais exorbitantes e com maior desperdício econômico e ecológico invertam sua atual trajetória de degradação ambiental, ao mesmo tempo que muitos dos países mais pobres, que ainda precisam de desenvolvimento econômico, possam prosseguir nesse caminho, mas sob formas mais sustentáveis que no passado. Isso pode ser visto em termos de consumo energético quando um país como os Estados Unidos utiliza sessenta vezes mais energia *per capita* que o Nepal. O Brasil está no meio desse contexto, com um consumo de energia primária *per capita* na mesma faixa da Itália, o que está próximo do que é visto como o equilíbrio global. O Brasil precisa, é claro, de uma contração e conversão dentro do próprio país, diminuindo as enormes diferenças de classe no consumo energético. O mais importante é a proteção da Amazônia e do meio ambiente geral do país, tanto para a

população nacional como para toda a humanidade. Isso significa implementar uma política séria de conservação, mas em termos socialistas, isto é, orientada para o povo, e assim combater o extrativismo desenfreado.

A outra estratégia desenvolvida à esquerda é marcada pela promoção da civilização ecológica por parte da China (uma noção que se originou com os ambientalistas soviéticos na década de 1980). Essa é uma questão complicada porque na China mesmo, ela assumiu a forma de um tipo de modernização ecológica, dada a forte ênfase de Pequim no crescimento econômico. É evidente que não há como sustentar por muito mais tempo a atual trajetória chinesa de rápido crescimento econômico e consumo acelerado de recursos. Há também a questão de que o país continua dependente de usinas movidas a carvão. Mas Pequim parece atualmente levar a sério a civilização ecológica como uma medida de transformação das relações sociais e ambientais associadas ao desenvolvimento do socialismo completo. Há espaço para ceticismo aqui e existe todo o tipo de contradição interna, incluindo de classe, mas suas notáveis realizações em diversas áreas ambientais são grandes demais para serem ignoradas. Essas conquistas só foram possíveis porque a China é uma sociedade pós-revolucionária, não inteiramente capitalista e que procura outro caminho, o socialista. O ímpeto para a mudança tem vindo de movimentos massivos vindos de baixo, bem como do Partido Comunista Chinês, no topo. A questão é, portanto, se o Brasil, liderado por ecossocialistas, seria capaz de construir sua própria versão de uma nova civilização ecológica revolucionária, transcendendo o capitalismo e alterando as atuais relações sociometabólicas. Isso significa um tipo de luta totalmente diferente e um vernáculo revolucionário distinto do que vimos até agora. Isso é utópico? Creio que não. Afinal, o problema que se coloca hoje é: ecossocialismo ou exterminismo. A civilização ecológica, tal como o decrescimento planejado, é claramente algo completamente incompatível com o capitalismo, e nesse sentido pode ser vista como representando um possível caminho ecológico para a humanidade.

Quaisquer soluções que existam para a atual crise planetária devem, em termos materialistas históricos, surgir de formações sociais concretas, com base nas quais as novas transformações revolucionárias terão lugar. O que é comum a todas essas estratégias é o foco num caminho para o desenvolvimento humano sustentável em que a acumulação de capital já não é a força determinante na sociedade. A própria definição de socialismo no século XXI é a de uma sociedade de sustentabilidade ecológica e igualdade substantiva.

O problema que
se coloca hoje é:
ecossocialismo ou
exterminismo.

A civilização ecológica
é incompatível com o
capitalismo.
